REVISTA DA FUNDARTE
ANO 19
NÚMERO 39
JULHO A DEZEMBRO DE 2019
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



CARTILHA PEDAGÓGICA: POTÊNCIAS PEDAGÓGICAS ENTRE VISUALIDADES

Lucas Pacheco Brum
Marcos Vinícius Magalhães

BRUM, Lucas Pacheco; MAGALHÃES, Marcos Vinícius. Cartilha pedagógica: potências pedagógicas entre visualidades. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.149-167, ano 19, nº 39, julho/dezembro de 2019.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 20 de dezembro de 2019.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 19
NÚMERO 39
JULHO A DEZEMBRO DE 2019
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



CARTILHA PEDAGÓGICA: POTÊNCIAS PEDAGÓGICAS ENTRE VISUALIDADES

Lucas Pacheco Brum[1]
Marcos Vinícius Magalhães[2]

Resumo: O presente trabalho é uma reflexão e uma apresentação sobre o processo de criação de uma cartilha pedagógica desenvolvida durante o curso de especialização em Processos e Produtos Criativos da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), no ano de 2018. A cartilha pedagógica é composta por 07 (sete) fichas com imagens de referência dos/as alunos/as de uma escola da rede pública do Distrito Federal, juntamente com imagens reconhecidas e institucionalizadas do campo da Arte - História da Arte. As fichas contam com 02 (duas) propostas pedagógicas, com questões potentes a partir das imagens, e com dicas de referências de outras visualidades do campo da Arte ou não. Desse modo, os apontamentos teóricos deste trabalho são provenientes dos estudos da Cultura Visual e do seu desdobramento no campo da arte/educação contemporânea.
Palavras-chave: Imagens de referência; Cartilha pedagógica; Cultura Visual.

PEDAGOGICAL BOOKLET: PEDAGOGICAL POWERS BETWEEN VISUALITIES

Abstract: The present article is both a reflection and a presentation about the process of creating a pedagogical booklet during the specialization course in Creative Processes and Products of the Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), in 2018. The pedagogical booklet is composed of 07 (seven) files with students' reference images from a public school in Distrito Federal, along with recognized, institutionalized images from the Art field - Art History. The files have 02 (two) pedagogical proposals, with potent questions from the images and tips of references from other visualities from the Art field or not. Thus, the theoretical notes of this work come from the Visual Culture Studies and its development in the field of contemporary art/education.
Keywords: Reference images; Pedagogical booklet; Visual Culture.

[1] Mestre em Arte Contemporânea pela Universidade de Brasília – UnB. Especialista em Processos e Produtos Criativos pela Universidade Federal de Goiás – FAV/UFG. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. Normalista pelo Instituo Estadual de Educação Osmar Poppe. Integrante do grupo de pesquisa "Arte: criação, interdisciplinada e educação", da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (CNPq/UERGS). Professor contratado das séries iniciais do Ensino Fundamental da Secretaria de Educação do Município de Triunfo – SMT/RS. Contato: lukaspachecobrum@hayoo.com
[2] Mestre em Arte Contemporânea pela Universidade de Brasília – UnB. Especialista em Processos e Produtos Criativos pela Universidade Federal de Goiás – FAV/UFG. Licenciado em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília – UnB. Professor efetivo da Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEDF. Contato: marvimagalhaes@gmail.com

BRUM, Lucas Pacheco; MAGALHÃES, Marcos Vinícius. Cartilha pedagógica: potências pedagógicas entre visualidades. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.149-167, ano 19, nº 39, julho/dezembro de 2019.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 20 de dezembro de 2019.



Introdução

De modo evidente, o processo de Educação em Artes Visuais é permeado por imagens, muitas das quais são convencionadas e legitimamente instituídas pelo teor intelectual e cultural que elas abarcam, mais especificamente as imagens da História da Arte, que se apresentam demasiadamente nos currículos escolares e nos planejamentos dos/as professores/as. As imagens que ocupam espaço e território no currículo estão a todo o momento em conflito com as imagens e visualidades[3] advindas das diferentes culturas, das mídias, dos processos midiáticos e dos cotidianos dos/as alunos/as. Encontramos um número exorbitante de imagens que chegam endereçadas à escola, à sala de aula e no currículo, que estão presentes através dos telefones celulares dos/as alunos/as, nas músicas que ouvem e nos modos como falam, andam, se comportam, se expressam e agem. Elas se fazem presentes nos processos de subjetivação - na construção de si (FOUCAULT, 2007).

As imagens canônicas institucionalizadas pelo dispositivo escolar e as imagens do cotidiano, com as quais (nós) convivemos diariamente, se inserem no campo de estudos da cultura visual. Nesse sentido, as visualidades não produzem hierarquia ou dicotomia entre as diferentes imagens, surgindo assim, o conceito de ***imagens de referência,*** como um dos principais gérmenes deste trabalho. Este conceito foi por nós discutido e problematizado na busca por reconhecer e "legitimar" as imagens que surgem em meio ao contexto dos/as alunos/as, povoando discussões e processos de identificação.

Uma ideia mais concreta sobre "imagens de referência" pode ser encontrada nas perspectivas traçadas por Lucas Pacheco Brum (2017), em sua dissertação de mestrado intitulada "*Imagens de referência*: uma trama entre a cultura visual e a educação da cultural visual"[4], realizada no Programa de Pós-Graduação em Arte, da Universidade de Brasília – UnB, onde conceituou "imagens de referência", como

[3] Entendemos por "visualidades" tudo que é visível. As visualidades incluem: artefatos culturais, imagens, objetos, *performances*, peças teatrais, espetáculos de dança, etc. Já a "imagem" é entendida como uma produção, imitação, ou representação de um objeto qualquer.
[4] Dissertação disponível em: < http://repositorio.unb.br/handle/10482/24513 >.



sendo as imagens que constituem os repertórios visuais dos/as alunos/as, a partir das mídias sociais. Segundo o autor, tais imagens estão relacionadas

> às imagens que são importantes e significativas e que, de alguma forma, produzem sentidos e experiências em suas vidas cotidianas. Toma-se como exemplo a imagem dos cantores (as), atores (atrizes) de seriados e de novelas, os personagens e super-heróis de filmes e desenhos animados, das histórias em quadrinhos, como os mangás, e as celebridades que circulam no *Facebook*[5], *Instagram*[6], *Twitter*[7], *site*, blogs, *YouTube*[8] entre outros. (BRUM, 2017, p. 21).

Desse modo, as imagens de referência são aquelas que circulam e estão presentes na vida diária dos/as alunos/as, e que de algum modo produz sentido e significado em suas vidas, "impactando nos modos de ser e estar no mundo e influenciando as suas atitudes, pensamentos, gostos, modos de falar, de vestir, de andar e pensar" (BRUM, 2017, p. 23).

Apoiado no conceito de imagens de referência do autor e na criatividade como um processo de construção e idealização de um material pedagógico, foi desenvolvido uma cartilha pedagógica[9] a partir das imagens próprias da realidade dos/as alunos/as, sendo uma ferramenta pedagógica destinada para os/as professores/as do campo das Artes Visuais. Assim, o material desenvolvido e esboçado em meio a essa trajetória de pesquisa, busca auxiliar o processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais, bem como gerar ideias e diálogos entre as imagens reconhecidas do universo estudantil com as visualidades do campo da

---

[5] *Facebook* é uma rede social gratuita que permite seus usuários compartilhar conteúdos como: fotos, mensagens e vídeos.

[6] *Instagram* é uma rede social de fotos para usuários de *Android* e *iPhone*. Trata-se de um aplicativo gratuito que pode ser baixado e, a partir dele, é possível tirar fotos com o celular, aplicar efeitos nas imagens e compartilhar com seus amigos.

[7] *Twitter* é uma rede social, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres.

[8] *YouTube* é um *site* que permite seus usuários carregarem e compartilharem vídeos em formato digital.

[9] Compreendemos uma Cartilha pedagógica como um conjunto de material físico que possa ser usado nos espaços educativos, de modo que possa auxiliar o ensino-aprendizagem dos/as alunos/as, bem como construir aprendizagem a partir do mesmo.



Arte[10]. Ademais, busca-se, em perspectivas futuras, motivar os/as professores/as para a criação de suas próprias cartilhas pedagógicas, apresentando as imagens de referência de seus/suas respectivos/as alunos/as e traçando, a partir de um posicionamento crítico e coerente, as relações e problematizações possíveis.

A cartilha foi composta por 07 (sete) fichas[11], sendo que cada ficha contém uma imagem de referência de um/a aluno/a, e outra visualidade do campo da Arte. Este procedimento não é uma regra, pois há fichas que têm mais de uma imagem do campo da Arte. A partir da apresentação dessas imagens foram elaboradas duas propostas pedagógicas, com fundamentação teórica dos estudos do campo da cultura visual.

Entretanto, para a criação desta cartilha, realizamos uma coleta de dados visuais, a partir do repertório de imagens dos/as alunos/as de uma escola da rede pública do Distrito Federal. Nesse sentido, como um dos autores do trabalho atua como professor na respectiva escola, o processo da coleta dos dados foi desenvolvido, sendo articulado em meio a um planejamento de aula. O trabalho foi desenvolvido com uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, com alunos/as entre 12 e 14 anos de idade. Assim, as referências dos/as alunos/as foram surgindo em meio ao processo criativo que estava sendo realizado. Nessa perspectiva, a criação da cartilha esteve voltada para esta faixa etária (observando o tempo e o espaço onde tais imagens surgem e estão veiculadas), o que não impede aos/as professores/as de a utilizarem como uma possibilidade metodológica. O material, aqui apresentado e problematizado, propõe novas ideias e se abre para inúmeras possibilidades de interfaces entre as imagens. Sob uma perspectiva transdisciplinar, os diferentes contextos, bem como a capacidade crítica e criativa dos/as professores/as permitirão novos caminhos, aproximações e diálogos.

---

[10] Entendemos visualidades do campo da Arte como: visualidades (obras) da História da Arte produzida por artistas, bem como visualidades (obras) da Arte Contemporânea.

[11] As fichas estão disponíveis no *Instagram,* a partir do perfil social: **@imagensdereferencia**. Esta escolha em publicar as fichas em uma rede social, se justifica pelas características deste trabalho - pelo uso de dados visuais das mídias sociais dos alunos/as. Portanto, este recurso nos permitirá, também, desenvolver ao longo do tempo a construção de um acervo de imagens de referência, bem como práticas pedagógicas - ideias, dicas, e outras imagens - que poderá ajudar e contribuir para os/as professores/as em seus planejamentos diários.

Cabe considerar que a cartilha e cada ficha pedagógica não são uma receita ou um modelo de aula a ser seguido, mas são, antes de mais nada, ideias a serem compartilhadas, sugestões possíveis de problematização e diálogo. São interfaces entre as imagens de referência e do cotidiano com as visualidades do campo da Arte.

Portanto, a criação e a apresentação desta cartilha, como um produto pedagógico e criativo, se justifica na medida em que se encontram dificuldades entre professores/as (e nós, como arte/educadores) de trabalharem em sala de aula com as imagens reconhecidas pelos/as alunos/as, juntamente com as visualidades do campo da Arte. Assim, com o desenvolvimento de uma estratégia didática buscaremos diminuir tais alargamentos e distanciamentos existentes entre as imagens que os/as alunos/as gostam e se identificam, e com aquelas que já são estabelecidas pelo currículo canônico da escola. Por fim, como consequência desse processo de criação, buscou-se, também, o desenvolvimento de uma discussão teórica sobre as escolhas do curso da pesquisa.

O presente artigo é um discurso necessário sobre o nosso processo criativo, a partir das díspares perspectivas do campo dos estudos da cultura visual. As fichas são sugestões e possibilidades pedagógicas que poderão ser usadas no processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais, bem como possibilitar novas propostas, a partir destes distanciamentos imagéticos, ou, talvez, dos possíveis estreitamentos entre as diferentes imagens.

Breves apontamentos sobre a Cultura Visual

O contato com as imagens e as diferentes maneiras que nós nos relacionamos com elas tornou-se indissociável da vida contemporânea. Elas se apresentam em diferentes suportes e formatos, sendo elas digitais, analógicas, apresentadas por meio de impressão, estampas, em movimentos, etc. De alguma forma, elas são repletas de códigos visuais, signos, significados, discursos, política, informações, ideias, fantasia, entretenimento e sistemas hegemônicos pré-



determinados. De modo evidente, as imagens se tornaram dispositivos de divulgação, venda, compra e troca entre as pessoas. Elas se atravessam demasiadamente e diariamente em nossas vidas sem que nós tenhamos tempo para pensar e refletir sobre elas, pois o "mundo está saturado por monitores, painéis, telas de diferentes tamanhos, onde imagens e objetos atraem e repelem olhares, e desviam a atenção" (TOURINHO, 2011, p. 09).

O autor americano W. J. T. Mitchell (1994), nos alerta que nas duas últimas décadas do século XX, este momento ficou caracterizado como "virada imagética" (*pictorial turn*). Tal "virada", de maneira abrangente, refere-se à reconstrução e à retomada de fôlego que a imagem adquiriu nos últimos tempos, pois, com o crescimento da cultura letrada, a palavra encerrava um fim em si mesma. No decorrer da história, com o advento da pintura de cavalete, a invenção da fotografia, o desenvolvimento de novas tecnologias de reprodução de imagem e a emergência das mídias visuais como a televisão, vídeo e o cinema, a imagem assume um novo potencial, alcançando um espaço de reflexão, intelectual e teórico. A imagem, nesse sentido, rompe de certo modo com a linguagem e o discurso tradicionalista, assumindo o cerne das culturas de massa e contribuindo para a construção de novos valores na vida contemporânea.

A imagem se tornou, como diz o autor, "[...] um ponto de peculiar fricção e desconforto junto a uma larga faixa de questionamentos intelectuais" (MITCHELL, 1994, p. 13, tradução nossa). Sobre a "virada imagética" destacada pelo autor, na "transição" do discurso verbal para a fruição da imagem (sob um caráter essencialmente visual), por exemplo, não é atoa que nas campanhas publicitárias que passam na televisão ou nos diferentes canais do *YouTube,* muitas delas não possuem discursos linguísticos verbais ou "textuais". Toda a ideia conceitual do produto ou serviço é informada, divulgada ou vendida através do poder das imagens. A palavra, assim como aquilo que é ouvido, não se sustenta mais sozinha. No mundo que vivemos aquilo que se vê, talvez seja mais importante do que o que ouvimos. O "ver", de algum modo, se relaciona com a maneira como "olhamos", de



onde “olhamos”, e tais aspectos estão voltados para as nossas experiências visuais (PAGLIA, 2014).

Desse modo, podemos dizer que as imagens romperam fronteiras e paradigmas como a da literatura, por exemplo, onde tais imagens e códigos visuais eram acessados somente pela elite, e passaram, hoje, a estar ao alcance de todos, nas diversas esferas da sociedade, por meio dos diversos meios de compartilhamento e divulgação. “[...] A cada dia, consumimos quase 18.000 imagens, somente percorrendo nossos trajetos cotidianos, rotineiros, demandados por nossas obrigações e compromissos diários” (TOURINHO, 2011, p. 09).

As imagens passam não somente a ser protagonistas em nossas culturas, mas também em nossas ações, atitudes, modos de ser e estar no mundo. Elas estão implicadas intimamente nas narrativas de histórias de vidas, nas memórias visuais, na maneira como os indivíduos se expressam, no cotidiano, na vida e na subjetividade. Segundo Raimundo Martins:

> A imagem é uma condição vinculada ao modo como uma acepção, ideia, objeto ou pessoa se posiciona ou se localiza num ambiente ou situação. Significados não dependem da fonte que os cria, emite ou processa, mas de uma condição relacional e concreta, ou seja, da situação ou contexto no qual os vivenciamos. Construídos em espaços subjetivos de interseção e interação com imagens, os significados dependem de interpretações que se organizam (estruturam) apoiadas em bases dialógicas. (MARTINS, 2007, p. 27).

Nesse sentido, conforme aponta Martins (2007), as imagens estão presentes em nosso cotidiano, estão carregadas de saberes eruditos e populares, informações sobre nossa cultura e sobre o mundo em que vivemos. Carregam significados, conceitos, interpretações e modos de ver que refletem em nossos comportamentos, atitudes e estilos de vida. O autor salienta ainda a condição de que as imagens, as quais produzem sentido e significados em nossas vidas, dependem do contexto social e cultural do lugar em que vivemos.

Nesta mesma acepção, Brum (2017), ao defender as imagens de referência como imagens que produzem e tecem sentidos e significados em nossas vidas,



considera que elas estão voltadas para “as nossas vivências e experiências pessoais”, não somente no seu sentido estético, mas pelos discursos, ideologias, ideias, ações, atitudes e conteúdos divulgados pela mídia. Segundo o autor, as imagens de referência exercem sobre os/as alunos/as “[...] referências de estilos, atitudes, pensamentos, comportamentos, gestos e modos de falar, vestir, andar, pensar, agir e se portar. Além, também, de se tornar referências para as suas carreiras profissionais e contar sobre as suas histórias de vida” (BRUM, 2017, p. 109).

Brum (2017), ao afirmar que as imagens de referência permeiam a realidade de cada um, diz que nem sempre estas imagens se apresentam de maneira explícita no cotidiano escolar, sendo impressas nas roupas ou materiais escolares[12]. Cabe ressaltar que as imagens e referências se revelam na maneira como os estudantes falam, andam, pensam, ou seja, encontram um modo de expressão em seus corpos através de um processo de subjetivação. Tais aspectos, de maneira subjetiva, produz “corpos dóceis”, assim como nos lembra Michel Foucault, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (1997, p. 118).

Assim, é importante compreender que tais imagens e visualidades cotidianas estão imersas na teia de produção e de controle das subjetividades, sob um âmbito do poder e saber. Desse modo, como enfatizado no trabalho, as imagens de referência influenciam e impactam nos modos de falar, comportar, agir, pensar, andar dos/as alunos/as, através dos discursos (ações, atitudes, pensamentos) que exercem, sobretudo, em suas redes sociais (BRUM, 2017).

O curriculista Aldo Filho (2012) corrobora com o assunto dizendo que além das imagens atravessarem o espaço da escola, elas estão nos corpos e na imaginação dos jovens, sendo que as visualidades mais cotidianas são pouco consideradas nas disciplinas escolares. Muitos/as professores/as desconhecem os “reais” motivos pelos quais os/as alunos/as usam gírias e jargões em sala de aula,

[12] Vale destacar que tais elementos “dependem” da faixa etária dos/as alunos/as e de cada realidade escolar.



agindo de modo incoerente e inadequado. Tais atitudes são reconhecidas pelos/as professores/as como “maus modos”, tendo por consequência sansões disciplinares e intervenções mais drásticas por parte da gestão escolar. Sob um contexto atual, muitos de nossos/as alunos/as andam dando “sarradas” no ar” [13] e, nessa perspectiva, a escola - em seu sentido rígido e tradicional - encara tais situações como sendo incorretas e não entendem que estas podem ser as consequências dos processos de influência e subjetivação.

Desse modo, tal como evidenciado, a cultura visual é um campo que tem como perspectiva as visualidades do cotidiano, como também as práticas denominadas como “Belas-Artes”, “Artes Plásticas” e “Artes Visuais”. É um campo de estudo que busca uma relação mais estreita entre o sujeito e a imagem, e esta como produtora de significados e sentidos. Assim, a imagem em si mesma, propõe discutir “questões sobre temas, ideias-chave, como a mudança, a identidade, a representação de fenômenos sociais e ajuda a indagar como essas concepções afetam a cada um e àqueles que os cercam” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 106). Assim, a cultura visual considera não apenas as questões do que se “vê”, como também as diferentes maneiras como os sujeitos veem e se relacionam com as visualidades.

Em meio a esse percurso, a expressão “cultura visual” diz respeito às várias práticas e às interpretações críticas que circulam entre as relações das práticas sociais, as posições de subjetividade e o ato de ver (Hernández, 2007). Ela coloca em foco as experiências cotidianas e o visual, a dimensão cultural das experiências visuais cotidianas, além de incluir, segundo Mitchell (2002), tudo aquilo que vemos, mostramos, exibimos (e compartilhamos), como também o que escondemos e aquilo nos recusamos a ver. A cultura visual não é somente um campo dos estudos das imagens, mas da experiência visual como um todo. E é em meio à esse campo, de construções e problematizações, que o processo criativo do trabalho foi desenvolvido.

---

[13] É um passo de dança, com um movimento específico do quadril, que “se dá” no ar. A expressão é usada para pessoas que dançam ou gostam do estilo *Funk*. Esse é um universo muito comum em meio aos estudantes; tais indícios podem ser reconhecidos por meio da pesquisa empreendida por Brum (2017).

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 19
NÚMERO 39
JULHO A DEZEMBRO DE 2019
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



O processo de criação: a cartilha pedagógica

A cartilha pedagógica, como apresentada por meio da pesquisa, é composta por 07 (sete) fichas. Cada ficha é composta por uma imagem de referência e uma ou mais imagens do campo da Arte. Conforme fomos produzindo as fichas presenciamos a necessidade de buscar mais imagens, de maneira que potencializasse as interfaces entre as imagens de referência e as imagens do campo da Arte. As escolhas das imagens que iriam compor cada ficha se justificaram tendo em vista aquelas que mais se repetiam entre os/as alunos/as durante a coleta, que foi realizada com uma turma de alunos de uma das séries finais do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Brasília. O processo da coleta dessas imagens se deu por meio de um planejamento. Um dos pesquisadores e autor deste trabalho, que era o professor da turma, desenvolveu uma dinâmica, tendo em vista os processos de identidade provenientes do campo da arte. Assim, percebeu-se que tais referências (e influências), apresentadas pelos alunos/as faziam parte da cultura popular e que estavam, de algum modo, no cotidiano social e escolar. Cabe ressaltar, nessa perspectiva, que foram coletadas imagens de referência como: imagens de bandas de *rap*, *funk*, imagens do contexto gospel, visualidades próprias de *youtubers,* blogueiras/os, imagens de cantores/as, atores, atrizes e entre outros.

Assim, tendo vista a variedade das imagens fizemos uma escolha pelas seguintes referências: Anitta, Pabllo Vittar, Harry Potter, Mulher Maravilha, Os Pregadores da Paz, Éverton Augusto e Danni Russo. Após as escolhas, partimos para o processo de coleta e pesquisa na *internet* que, de alguma forma, foi encontrada certa dificuldade em escolher - e eleger - qual seria a melhor imagem que iria compor as respectivas fichas. Vale considerar e reconhecer, mais uma vez, que a referência do universo dos/as alunos/as possui centenas de imagens publicadas, compartilhadas, (re) produzidas e editadas nas plataformas de relacionamentos, *sites,* blogs e em banco de dados de imagens.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 19
NÚMERO 39
JULHO A DEZEMBRO DE 2019
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

Em meio a esse percurso, esboçou-se um planejamento para cada imagem, quais seriam as ideias e potencialidades de cada uma delas e quais seriam as interfaces possíveis que uma imagem permite e permeia com outras do campo Arte. Durante esse planejamento, identificamos uma gama de conceitos, assuntos, temáticas e abordagens que uma única imagem sugere. Decidimos, então, quais seriam os conceitos discutidos (e problematizados) e como iríamos abordar tais assuntos em cada uma das imagens. Depois desse processo, realizamos uma pesquisa na *internet*, em livros da História da Arte e de Arte Contemporânea, catálogos de Bienais, exposições, dentre outros recursos de modo a encontrar visualidades do campo da Arte. Visualidades estas que pudessem produzir interfaces e diálogos possíveis com cada imagem de referência, como mostra o exemplo da (Figura 1). As imagens ilustram uma ficha da cartilha, tendo como referência a imagem da Mulher Maravilha (uma releitura da personagem de histórias em quadrinhos publicadas pela editora *DC Comics*; filme do ano de 2017) e a outra a imagem da obra "Figuras", de 1983, da fotógrafa e artista conceitual Sarah Charlesworth (1947 - 2013) – imagem do campo da Arte, juntamente com a estrutura da ficha pedagógica.



Questões Potentes: Qual é a relação de guerra e de violência entre as duas imagens? O que esconde a imagem do vestido na obra "Figuras"? Qual seria o papel da mulher que na obra de Sarah Worth tenta "libertar"? Como possível interpretação dos elementos da obra de Sarah Worth como o corpo amarrado e o vestido de noite (com suas marcas impostos pela sociedade) busca uma nova posição do papel mulher na sociedade. Qual seria essa posição? Quais as diferenças entre a roupa de "Mulher Maravilha" e os elementos da obra "Figuras"? Quem é a Mulher Maravilha? A Mulher Maravilha seria uma nova ideia de mulher nos dias atuais, diferentemente da mulher apresentada na obra "Figuras"? Quem são as "Mulheres Maravilhas" do nosso cotidiano? Por que essas mulheres

BRUM, Lucas Pacheco; MAGALHÃES, Marcos Vinícius. Cartilha pedagógica: potências pedagógicas entre visualidades. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.149-167, ano 19, nº 39, julho/dezembro de 2019.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 20 de dezembro de 2019.



poderiam ser vistas dessa maneira? Elas lutam pelo quê? Em que momento da história a artista Sarah realizou seu trabalho? E de que forma essas duas imagens se relacionam com as nossas vidas? Há, por meio das imagens, alguma referência ao movimento "feminista"? O que esse movimento representa para os nossos dias?
Proposta 01: Realize com os/as estudantes uma pesquisa fazendo recortes em jornais e revistas sobre palavras/frases/dizeres/pensamentos/ ditos populares machistas e imagens que coloque a figura das mulheres em situação de submissão, inferioridade em relação aos homens e em situações que envolvem o preconceito. Analise tal exercício a partir dos papéis sociais e dos diferentes contextos da mulher na contemporaneidade, bem como as convenções e os regimes de verdades que circulam em torno da mulher. Discuta sobre as conquistas de espaços e direitos que a mulher possui hoje e quais elas deverão ter (relembre o dia 08 de março, "Dia da Mulher"). Após, crie cartazes (no estilo de propagandas) a partir dos recortes e das análises de modo a desenvolver a reflexão, a valorização, o respeito e a conscientização dos novos papéis da mulher nos dias atuais. Explore a colagem, a escrita, o desenho e os diversos materiais. As estratégias da linguagem visual poderão ser exploradas nessa atividade. Como desdobramento, os cartazes poderão ser transformados em cartilhas, podendo ser distribuídas para toda a comunidade escolar.
Proposta 02: Realize em conjunto com os/as estudantes um álbum de imagens com diferentes tipos de mulheres (mulheres de diferentes corpos, etnias, idades, religiões, estilos de vidas, nacionalidades, culturas e espaços sociais). Estas imagens poderão ser coletadas de revistas, jornais e de espaços virtuais. Após, a coleta das imagens reúna os/as estudantes em um círculo para discutir sobre o material coletado. Questione sobre as diferenças culturais, sociais, imposições sociais entre as imagens. Promova um debate em que os/as estudantes possam perceber que os regimes de "verdades" impostos em relação às mulheres mudam a partir dos espaços em que elas estão inseridas, bem como ao longo da história da humanidade. A construção do álbum poderá ser realizada em um espaço virtual (se todos tiverem acesso), ou manualmente em cadernos, agendas, etc.
Dicas de Pesquisas: Pinturas da artista Mexicana Frida Kahlo. O filme "Frida". Os autorretratos da artista Americana Cindy Sherman. As esculturas da artista Francesa Louise Bourgeois. As colagens da artista Brasileira Barbara Kruger. As fotografias e instalações da artista Francesa Sophie Calle. As *performances* da artista Italiana Vanessa Beecroft. As pinturas da artista Inglesa Jenny Saville. As fotografias da artista Holandesa Rineke Dijkstra sobre (maternidade e nascimento). O coletivo *Guerrilla Girls*. As capas das revistas *Vogue* e entre outros artefatos.

Figura 1: Imagens e aspectos norteadores de uma das fichas que compõem a cartilha pedagógica.

Nesse sentido, cada ficha possui um bloco de questões que chamamos de "questões potentes", que foram elaboradas a partir das imagens que escolhemos - imagens de referência e imagens do campo da Arte. Na sua construção, tivemos a preocupação de não elaborar questões que dirigissem de maneira determinista e positivista as possíveis respostas dos/as alunos/as, mas sim, questões que desenvolvessem e promovessem o posicionamento crítico e autônomo de cada um,



bem como o desdobramento de outras questões e discussões a partir destas, já apontadas. Desse modo, as questões não são fechadas e únicas, elas apontam algumas direções possíveis que potencializam as interfaces entre as imagens. A preocupação, aqui, é tornar visíveis as diferentes possibilidades e as possíveis potências entre as imagens reconhecidas do universo dos/as alunos/as com as imagens do campo da Arte.

As fichas também têm duas propostas - “proposta 01 e proposta 02” -, que são propostas de atividades, as quais foram realizadas a partir das imagens levando-se em consideração a realidade de uma escola pública do Distrito Federal. As atividades são algumas ideias, apontamentos e possibilidades que poderão ser realizadas em sala de aula. Optamos por criar atividades simples e criativas que poderão ser modificadas, adequadas e adaptadas para cada contexto escolar. Além disso, cada ficha possui também um bloco que chamamos de “dicas de pesquisas” que são dicas de imagens, filmes, músicas, obras de arte das mais diferentes linguagens, movimentos da História da Arte, e sugestões de artistas contemporâneos que ajudarão os/as professores/as na elaboração dos seus planejamentos de sala de aula e de suas próprias cartilhas pedagógicas.

As “dicas” são outras referências sobre cada assunto, os quais poderão ser utilizadas para aprofundar as práticas pedagógicas em arte e os planejamentos escolares. Elas tratam direta ou indiretamente sobre o mesmo assunto, temática ou conceito, deixando a critério dos/as professores/as escolher as referências e a melhor maneira de abordá-las, levando-se em consideração a faixa etária dos/as alunos/as e a realidade de cada espaço escolar. Para a realização das “dicas de pesquisas” exploramos os diferentes meios eletrônicos, *sites* de busca, livros/catálogos, bem como outros similares.

Algumas fichas pedagógicas, por exemplo, foram construídas, não a partir do que está explícito em cada imagem, de maneira literal - os elementos visuais -, mas sim pelos discursos que elas produzem, sobretudo através das mídias sociais, como por exemplo, na ficha que possui as imagens de referência da Danni Russo e dos Pregadores da Paz utilizamos os discursos verbais desses artistas; no caso da Dani



Russo um poste publicado do seu *twitter* que relata um caso de violência que sofreu em casa pela sua mãe e na imagem dos Pregadores da Paz, um fragmento de uma de suas músicas de *rap.*

Nessa perspectiva, em consonância com Tourinho (2009), "o mundo visual também junta diferentes discursos – imagem e palavra, por exemplo – e é construído a partir das articulações que os indivíduos percebem, produzem, participam, criticam transformam ao viver suas experiências" (p. 145). A autora destaca, ainda, que os discursos são formados por nossas experiências, ou seja, a partir dos sentidos que damos a eles e que, a partir de um discurso visual é possível levar a outras formas de discursos, como os sentidos sonoros, verbais e textuais. Assim, entendemos que a prática pedagógica e sistemática em Artes Visuais não se trata apenas de trabalhar didaticamente o que está explícito visualmente e "literalmente" nas imagens, mas também os discursos que elas disseminam, publicam e compartilham, por meio das redes sociais. Tais discursos estão inter-relacionados em uma rede complexa, operando sobre os/as alunos/as, e sobre nós, subjetivamente. Entretanto, existem camadas de discursos através das imagens que precisam ser dissecadas e discutidas criticamente nos processos de ensino e aprendizagem; desconstruindo os clichês, as verdades e as hegemonias que circulam entre os/as alunos/as, no espaço escolar e nas sociedades contemporâneas.

A ideia de trabalhar com as imagens de referência fazendo suas interfaces com as imagens do campo da Arte não está voltada para um processo de decodificação, a partir dos elementos e códigos da linguagem visual - cor, ponto, linha, textura e perspectiva -, muito menos com a leitura de imagens, mas sim em ir mais longe do que as camadas típicas da leitura visual. Desse modo, reconhecemos estas abordagens como parte da alfabetização visual, o que não cabe nesse tipo de trabalho e discurso, muito menos, possui a pretensão de fazer relações comparativas entre as imagens, sobretudo em seu sentido determinista. Tourinho (2011b) ajuda a compreender que a cultura visual não enfatiza



> [...] as questões de forma, cor, textura, composições, etc., elementos que pretendem dissecar as imagens sem, contudo considerar como a experiência social do ver e ser visto, bem como os usos das experiências e visualidades, impactam e instituem modos de ver, modos de ser, agir, de desejar e de imaginar. (TOURINHO, 2011b, p. 12).

Nessa perspectiva, são as experiências que os/as alunos/as têm com suas imagens de referência, bem como o modo como as veem, e aquilo que, subjetivamente, produz em seus corpos e em suas culturas que devem ser levados para uma prática pedagógica ao encontro da educação da cultura visual. Sob um posicionamento crítico e sistemático, tais direcionamentos podem gerar construções e interfaces com as imagens do campo da Arte. Dessa maneira, os/as alunos/as poderão refletir criticamente; imaginar, compreender, contextualizar e desenvolver o fazer artístico dentro de propostas pedagógicas que favoreçam o reconhecimento das suas imagens e da sua cultura, como parte do conhecimento que se está construindo dentro da sala de aula. A "ideia-chave" destas imagens é que os estudantes estabeleçam "vinculações com outros conhecimentos e com sua própria vida" (HERNÁNDEZ, 2000, p. 137). Mas, também, com outras imagens e com os mais variados assuntos.

Consideramos, mais uma vez, que a elaboração da cartilha pedagógica, tal como suas particularidades, surgiu em meio ao processo criativo e da demanda proveniente do campo da educação em artes visuais. Percebemos a necessidade de materiais educativos e propostas pedagógicas que tratem das culturas e das imagens dos cotidianos dos/as alunos/as colocando em discussões seus gostos, olhares, prazeres e experiências estéticas, pois dentro do processo educacional, elas não são apresentadas na velocidade em que elas são produzidas e interpretadas e, a todo instante, nossos/as alunos/as apresentam novas visualidades e contextos em sala de aula. Cabe ressaltar que as imagens apresentadas nos livros didáticos, muitas vezes, não acompanham as necessidades e os desejos de aprendizagens dos alunos/as, sendo que as que estão fora dos livros didáticos se apresentam muito mais sedutoras e atraentes.



Filho (2012) nos ajuda a compreender sobre o assunto inferindo que “a imagem das pessoas que protagonizam a vida escolar parece não ter significação maior na equalização do currículo da disciplina, a despeito do que portam e indicam de um mundo em plena configuração, no qual a visualidade é central” (FILHO, 2012, p. 165). O autor faz observações importantes, pois as imagens reconhecidas do universo dos/as alunos/as são, muitas vezes, negligenciadas nas práticas e nos currículos escolares, que têm como principal escopo curricular as imagens e os conhecimentos formais da arte. Nessa perspectiva, a inserção e a problematização do uso de tais imagens e referência parecem ser primordiais no percurso educacional.

Portanto, como já discutido ao longo do texto, Duncum (2011) aponta para uma perspectiva de uma educação tendo como princípio a cultura visual, que segundo ele, “é bastante inclusiva, pois incorpora as belas-artes, juntamente com a extensa gama de imagens vernáculas e midiáticas, imagética eletrônica contemporânea e toda a história da imagética, produzidas e utilizadas pelas culturas humanas” (DUNCUM, 2011, p. 21).

Para Fernando Hernández (2011), “a cultura visual é também um campo transdisciplinar, o que significa considerar outras representações visuais portadoras e mediadoras de significados e oposições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 33). Nesse sentido, o arcabouço imagético proveniente do cotidiano não é um campo de limitação, mas antes, uma ferramenta que auxilia no conhecimento compartilhado em sala de aula, bem como no entendimento de quem são nossos/as alunos/nas.

Por fim, o processo de construção da cartilha, como um produto teórico e criativo estabeleceu-se por meio da interface entre imagens que se configuram em meio a contextos diferentes. O viés criativo, nessa perspectiva, se caracterizou ao estabelecer possibilidades pedagógicas entre as diferentes imagens, possibilidades estas que se firmam ao sugerir, sob um processo sistemático e constante, a utilização de imagens de referência em práticas educacionais.



Referências:

BRUM, Lucas Pacheco. *Imagens de referência:* uma trama entre cultura visual e a educação da cultura visual. Dissertação (Mestrado em Educação em Artes Visuais) – Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2017.

DUNCUM, P. Por que a arte educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). *Educação da Cultura Visual:* conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 15 - 30.

FILHO, Aldo Victorio. Fabulações Escolares e Contemporaneidade: ensino da arte, jovens e a fartura de imagens. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). *Culturas das imagens:* desafio para a arte e para educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012, p. 151 – 173.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II:* o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel*. Vigiar e Punir:* nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho.* Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. *Catadores da Cultura Visual:* proposta para uma nova narrativa educativa. Tradução: Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

_____. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). *Educação da Cultura Visual:* conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 31 - 49.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: Oliveira, M. (Org.). *Arte, educação e cultura.* Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007, p. 19 - 40.

MITCHELL, W. J. T.*Picture theory*: essays on verbal and visual representation. Chicago, Chicago Press, 1994.

MITCHELL, W.J.T. *Showing seeing:* a critique of visual culture. Jounal of Visual Culture. Vol. 1, no. 2, 2002, p. 165 - 181.

PAGLIA, Camille. *Imagens cintilantes:* uma viagem através da arte desde o Egito a *Star Wars*. Rio de Janeiro: Ed. Apicuri, 2014.

BRUM, Lucas Pacheco; MAGALHÃES, Marcos Vinícius. Cartilha pedagógica: potências pedagógicas entre visualidades. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.149-167, ano 19, nº 39, julho/dezembro de 2019.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 20 de dezembro de 2019.



TOURINHO, Irene. Educação estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). *Educação da Cultura Visual:* narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009, p. 141 - 156.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da Cultura Visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). *Educação da Cultura Visual:* conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 51 - 68.

_____. Imagem, identidade e escola. In: *Salto para o futuro:* Cultura Visual e Escola. Ano XXI Boletim 09 – Ago 2011b.